

GONÇALVES, António Nogueira

Sorgaçosa [Arganil], 1901 – Sorgaçosa [Arganil], 1998

Natural de Sorgaçosa (Arganil), onde nasceu em 1901, António Nogueira Gonçalves dedicou grande parte da sua vida aos estudos da História da Arte portuguesa, em particular às especificidades artísticas conimbricenses (Fig. 1). Foi no Seminário Maior da cidade do Mondego que concluiu o Curso Superior de Teologia, sendo ordenado Presbítero em 1925. No final da referida década, iniciou o seu percurso como pedagogo, primeiro na escola paroquial noturna da Sé Nova, passando novamente pelo Seminário, desta vez como docente, onde regeu as áreas da Literatura, História da Arte e Arqueologia.

A entrada para a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra ocorreu mais tarde, em 1968, ao substituir Luís Reis Santos (1898-1967) na leção das disciplinas de História Geral da Arte e História da Arte Portuguesa e Ultramarina. A presença na academia conimbricense como docente estendeu-se para além da sua jubilação, em 1976, cujos maiores contributos assentam na organização da biblioteca do Instituto de História da Arte e na formação de várias gerações de alunos e de futuros docentes universitários que ainda hoje se identificam como seus discípulos.

No âmbito da produção científica, iniciada ainda no ano de 1921 e reconhecida pelo rigor histórico e metodológico e na capacidade crítica sobre o ente artístico, são da sua autoria mais de 300 títulos distribuídos por diferentes revistas especializadas, jornais de tiragem local e de âmbito nacional – de sublinhar a sua

rubrica “Arte e Arqueologia” publicada no *Diário de Coimbra*, a partir de 1944 –, bem como diversos ensaios de maior fôlego. Foram objeto do seu empenhado estudo diferentes áreas, com destaque para a arquitetura românica e militar, a criação artística durante o período áureo da renascença coimbrã, passando ainda pelas disciplinas da escultura medieval, cerâmica, paramentos e ourivesaria. Considera-se o seu *opus magnum* os volumes que redigiu, em parceria com Vergílio Correia (1888-1944), no âmbito do *Inventário Artístico de Portugal*, dedicados à cidade de Coimbra (1947) e respetivo distrito (1952) e, em nome próprio, os três tomos dedicados ao distrito de Aveiro (1959, 1981 e 1991).

A entrada no Museu Machado de Castro, como conservador-ajudante, ocorreu em 1939, partindo de um convite efetuado pelo então diretor Vergílio Correia, numa tentativa de colmatar as carências no estudo e catalogação do espólio

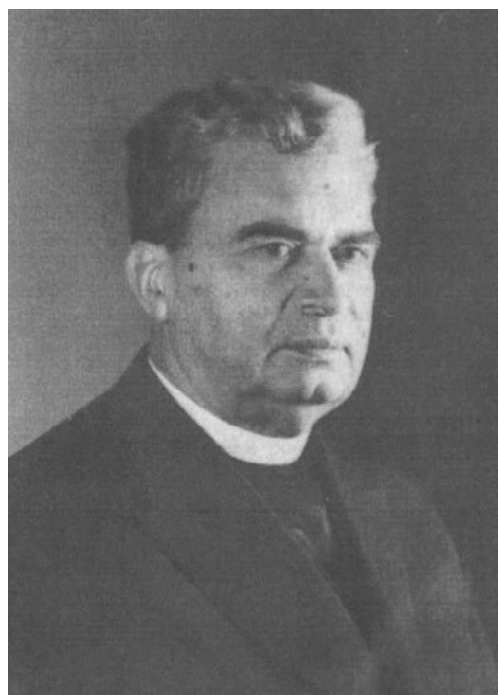


FIG. 1 António Nogueira Gonçalves, s/d. Fonte: Coleção Particular Regina Anacleto.



maioritariamente sacro exposto na igreja de São João de Almedina. O resultado do seu labor não tardou em chegar, através da publicação de catálogos completos dedicados às coleções de ourivesaria (1940), de paramentos (1943) – sendo, esta uma temática à época inovadora no panorama da historiografia artística portuguesa –, e de cerâmica (1947) e da elaboração de dois importantes opúsculos que versaram sobre a arte sacra conimbricense, em particular a ourivesaria de origem espanhola (1942) e o espólio pertencente à Sé da referida cidade (1944). Defendeu, de igual modo, a posição do Museu Machado de Castro quando a instituição foi criticada pela retirada da escultura das santas-mães do nicho principal do portal do antigo convento de Santa Ana, apenso à igreja de São João de Almedina, que originou, em 1941, um inflamado confronto verbal, espelhado na imprensa conimbricense, com o engenheiro Abel Urbano (Gonçalves, 1941).

A importância dos préstimos de Nogueira Gonçalves no Museu Machado de Castro não deixou de ser enaltecida por Vergílio Correia, salientando publicamente que o epíteto “capelão de São João de Almedina” seria a sua escolha para, no futuro, ocupar a diretoria do espaço museológico, ainda que o estatuto de conservador-ajudante não permitisse tal acesso, por ser obrigatória a passagem por um estágio trianual no Museu Nacional de Arte Antiga (Freitas, 2016, 100).

Com a morte do eminente arqueólogo em 1944, o referido posto ficou vacante durante mais de sete anos, embora Nogueira Gonçalves tomasse as rédeas da instituição nas questões do foro científico e museográfico. Demonstrou, inclusive, o seu apurado sentido crítico e, de certo modo, coragem – numa altura em que, por circunstâncias políticas, era difícil contrariar a posição “oficial” – perante a verdadeira depredação patrimonial ocorrida no processo de reforma da Alta de Coimbra universitária, não se esquivando a apontar os erros grosseiros da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

(DGEMN) no que compete à destruição de estruturas arquitetonicamente relevantes, encetando vários esforços que permitiram direcionar alguns fragmentos dispersos do românico coimbrão da demolida igreja de São Pedro para as reservas da instituição museológica (*Idem*, 103). Ainda sobre este assunto, saliente-se a toada crítica que redigiu, no *Diário Popular* de 1948, a um hipotético visitante à cidade do Mondego: “Vieste procurar só o passado e o passado de Coimbra há um século que o andam a enterrar; foi-se com o último hábito do monge. Não há ano algum que o coveiro-tempo lhe não lance mais uma pá de terra. Por tudo te peço: – não subas à Alta. Um dia, muito mais tarde, os olhos que agora se estão a abrir nos primeiros sorrisos achá-la-ão agravável (...); para ti, e para mim também, a Alta morreu. O passado artístico de Coimbra, a sua beleza, que deveria ser eterna e só eterna é na paisagem, cada dia se reduz; Coimbra será um dia tal qual um museu de breves salas esparsas em hostis ambientes” (Gonçalves, 1948).

Os seus contributos museológicos foram, de igual modo, essenciais na remodelação de monta do contexto expositivo do Museu Machado de Castro, efetuada no âmbito do XVI Congresso Internacional de História da Arte, realizado em abril de 1949. Para além da coordenação científica e curadoria da exposição temporária sobre escultura portuguesa medieva, deteve ainda a responsabilidade na reorganização de parte significativa do quadrante sul do espaço museológico, em que imprimiu uma escolha criteriosa do espólio a expor em conjugação com a estrutura arquitetónica, o que levou, pela primeira vez, a instituição a adotar um discurso expositivo consentâneo com o melhor que se fazia em termos internacionais (Freitas, 2016, 246-248).

A partir de 1 de julho de 1951, com a entrada de Luís Reis Santos para o cargo de diretor do Museu Machado de Castro, António Nogueira Gonçalves afastou-se por completo da instituição. Faleceu a 25 de abril de 1998, deixando como legado



científico vários estudos basilares para história da arte portuguesa e, como legado museológico, os inventários/catálogos-guia respeitantes ao acervo depositado no Museu Machado de Castro, que ainda hoje são considerados referências pela metodologia adotada e na grande precisão das datações sugeridas.

BIBLIOGRAFIA

- CORREIA, Vergílio e Gonçalves, António Nogueira. 1947. *Inventário Artístico de Portugal. Cidade de Coimbra*. Lisboa: Academia Nacional das Belas Artes.
- CORREIA, Vergílio e Gonçalves, António Nogueira. 1952. *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Coimbra*. Lisboa: Academia Nacional das Belas Artes.
- DIAS, Pedro e Anacleto, Regina. 1992. *António Nogueira Gonçalves. Nota Biográfica. Obra Científica*. Arganil: Edição da Câmara Municipal de Arganil.
- DIAS, Pedro. 1978. "Jubileu universitário do Rev.º Nogueira Gonçalves". In *Biblos*, vol. LIV, 323-328.
- EXPOSIÇÃO de escultura medieval. *Catálogo-guia*. 1949. Coimbra: Museu Machado de Castro.
- FREITAS, Duarte Manuel. 2016. *Museu Machado de Castro. Memorial de um Complexo arquitetónico Enquanto espaço Museológico (1911-1965)*. Casal de Cambra: Caleidoscópio/DGPC.
- GONÇALVES, A. Nogueira. 1948. "Coimbra monumental. Vista de três varandas". *Diário Popular*, n.º 2072, 6-07-1948, 5 e 6.
- GONÇALVES, António Nogueira. 1941. *O portal da demolida igreja do mosteiro de Santa Ana*. Coimbra: Edição do Autor.
- GONÇALVES, António Nogueira. 1942. "Peças de ourivesaria de origem espanhola. Subsídio para o estudo da secção de ourivesaria do Museu Machado de Castro". *Museu*, I, 5-29.
- GONÇALVES, António Nogueira. 1944. *As pratas da Sé de Coimbra no século XVII. Subsídio para o estudo da secção de ourivesaria do Museu Machado de Castro*. Coimbra: Coimbra Editora.
- GONÇALVES, António Nogueira. 1959. *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Aveiro: Zona Sul*. Lisboa: Academia Nacional das Belas Artes.
- GONÇALVES, António Nogueira. 1981. *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Aveiro: Zona Norte*. Lisboa: Academia Nacional das Belas Artes.
- GONÇALVES, António Nogueira. 1991. *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Aveiro: Zona Nordeste*. Lisboa, Academia Nacional das Belas Artes.
- RODRIGUES, Manuel Augusto e Nunes, Mário. 1987. "Alta de Coimbra na óptica cultural de Nogueira Gonçalves: no saber e na experiência a dimensão da realidade passada e presente". In *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, IX, 338 a 343.

Secção de Cerâmica. Faiança portuguesa. Catálogo-guia. 1947. Coimbra: Coimbra Editora.

Secção de Ourivesaria. Catálogo-guia. 1940. Coimbra: Coimbra Editora.

Secção de tecidos bordados tapeçarias e tapetes. Catálogo-guia. 1943. Coimbra, Coimbra Editora.

[D.M.F.]

DUARTE MANUEL FREITAS Doutorado em História, na especialidade de Museologia e Património Cultural. Professor Auxiliar da Universidade Autónoma de Lisboa, membro integrado no Centro de História da Sociedade e da Cultura (FLUC) e no Centro de Investigação em Ciências Históricas (UAL). Atua nas áreas da Didática da História, da Museologia Histórica e da História das Empresas. Com a sua tese de doutoramento, intitulada *Memorial de um complexo arquitetónico enquanto espaço museológico: Museu Machado de Castro (1911-1965)*, entretanto publicada na Coleção Estudos de Museus (2016), obteve o Prémio Victor de Sá de História Contemporânea (2015) e o prémio da Associação Portuguesa de Museologia, na categoria de "Melhor Estudo de Sobre Museologia" (2016).

